

Culturas juvenis, práticas de escuta e conectividade: uma pauta para a educação?

Marta Campos de Quadros¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo compreender as articulações entre as práticas culturais de jovens urbanos a partir artefatos sonoros portáteis presentes no cotidiano e a construção de identidades e culturas juvenis contemporâneas que de alguma forma compõem a cena escolar, bem como os pertencimentos destes jovens a múltiplas redes de sociabilidade. Está inscrito no campo dos Estudos Culturais, adotando a etnografia pós-moderna como instrumento teórico-metodológico. A observação no campo deu-se em Porto Alegre (RS), de 2007 a 2011. A análise desenvolvida mostra a produtividade das práticas de escuta a partir de artefatos sonoros portáteis sobre a produção de determinadas identidades juvenis e de um estilo de vida marcado pela conectividade.

Palavras-chave: Estudos Culturais; educação; jovens urbanos; práticas culturais de escuta; conectividade.

Youth cultures, practices of listening and connectivity: an agenda for education?

Abstract

This essay aims to understand the articulations between the cultural listening practices of urban youth from portable sound devices present in everyday life and the construction of contemporary youth identities and cultures that somehow make up the school scene, as well as the affiliations of these young people to multiple sociability networks. The theoretical support of this study is found in the Cultural Studies, adopting the postmodern ethnography as theoretical and methodological tools. The field observation had taken place in Porto Alegre (RS) from 2007 to 2011. The analyzes show the productivity of the listening practices from portable sound devices on certain youth identities and cultures, and the production of a lifestyle marked by connectivity.

Keywords: Cultural Studies; education; urban youth; cultural listening practices; connectivity.

Estou esperando o ônibus em frente a uma escola privada em um bairro nobre de Porto Alegre. É hora do almoço e os alunos começam a sair. Surgem no alto da escada ainda dentro do prédio. Suas vozes misturam-se com outros ruídos de deslocamento. De repente, como se recebessem um comando

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

sem origem aparente, eles ‘sacam’ mp3 *players*, *iPods*, *walkmans* e telefones celulares dos bolsos e mochilas. Todos ao mesmo tempo, lembrando uma cena do filme *Matrix*. Desenrolando os fones de ouvido, os jovens alunos sincronicamente descem as escadas e suas vozes ficam mais baixas, até ganharem a rua. Vão colocando os fones ao mesmo tempo em que interagem com colegas que já estão na rua, muitos deles também plugados. (Excerto do Diário de Campo, 11 mar 2008).

Ao percorrer as ruas e outros tantos lugares que conformam a cidade de Porto Alegre (RS) em seus múltiplos tempos e espaços, tenho me deparado com cenas urbanas como a narrada. Elas se repetem com ligeiras variações e meu olhar captura a presença às vezes sutil de fios que descem pelos cabelos das garotas confundindo-se com adereços, ou emergindo dos casacos dos garotos parecendo os cordões de capuz, às vezes ostensivamente aparentes e coloridos. Com frequência me pergunto sobre quem são e como são estes jovens que, diariamente, entram, circulam, aprendem ou não, se relacionam entre si, e saem das nossas escolas e de muitos outros lugares. Que significados atribuem aos artefatos sonoros portáteis que compõem as suas imagens e as suas escutas no cotidiano? Como conseguem escutar, conversar, caminhar e estar atentos ao tráfego das ruas e avenidas das cidades?

Minha intenção aqui é tornar visíveis práticas culturais de jovens urbanos a partir artefatos sonoros portáteis (telefones celulares multifuncionais, computadores, tocadores mp3 e mp4, entre outros) presentes no dia a dia, bem como pertencimentos destes jovens a múltiplas redes de sociabilidade com o objetivo de compreender as articulações entre tais práticas culturais e a construção de identidades e culturas juvenis contemporâneas que de alguma forma compõem a cena escolar da qual nós professores fazemos parte. Este artigo é um recorte da pesquisa produzida como tese de doutorado intitulada *Tá Ligado?!: Práticas de escuta de jovens urbanos contemporâneos e panoramas sonoros na metrópole, uma pauta para a Educação* (QUADROS, 2011), na qual foi adotada a etnografia pós-moderna conforme sugerido por Gottschalk (1998) como instrumento teórico-metodológico. A observação em campo ocorreu entre 2007 e 2011, com a realização de entrevistas etnográficas, conversas informais, diário de campo fotoetnográfico, além do acompanhamento da produção multimidiática em circulação.

É PRECISO OLHAR PARA ALÉM DA ESCOLA PARA COMPREENDÊ-LA: CONECTANDO CENAS COTIDIANAS

O que faz *uma jovem* como Angélica, que *ouve Charlie Brown Jr e música gauchesca no mp3*, viajar de ônibus para trabalhar, insistir na profissão que tantos brasileiros já desistiram? Talvez o rosto de Paulo, Maria, algumas das dezenas de crianças que ela ensinou a ler em oito anos de magistério: – É muito legal quando eles se dão conta de que estão escrevendo. Eu me realizo todos os anos (LOPES, BOTEAGA, 2010, p. 12). [destaques são meus]

Basta um clique da professora, e o mapa do mundo surge na tela. – *Não basta mais uma professora com giz e quadro negro*. Isso não atende mais a expectativa deles que vêm de casa com *um mundo colorido da TV e da Internet*. A escola tem de ter atrativos – destaca Marlene. Trabalhar o conhecimento de forma globalizada, atual, com produção de textos coletivos e ferramenta da Internet é a tendência (BARBIERI, 2010, p. 37). [destaques são meus]

Escolhi estes dois excertos de matérias publicadas pelo jornal diário *Zero Hora* em dois momentos e editoriais diferentes para começar a *responder* a questão proposta como título deste artigo, não porque entenda que a educação está centrada na escola ou me proponha a analisar práticas e culturas de jovens em um contexto de educação escolarizada, mas, sim, porque os mesmos, ao falarem de escola e educação, de política e tecnologia, de jovens professores e estudantes visibilizam características comuns às culturas juvenis contemporâneas que chegam à escola e nos fazem pensar nos diálogos (im)possíveis entre os diferentes sujeitos da educação e, neste sentido, nas culturas juvenis, práticas de escuta e conectividade como algo a ser pensado pelo campo da Educação.

Em *A superação da professora Angélica*², Lopes e Botega, através da narrativa jornalística publicada em setembro de 2010, momento que antecedia a realização de eleições majoritárias no Brasil, caracterizam a jovem professora de uma escola municipal do interior gaúcho, e o fazem a partir de práticas de escuta e conectividade juvenis. Angélica é uma jovem urbana, contemporânea, em constante trânsito, que utiliza um artefato sonoro portátil para *compor* a própria trilha musical de bolso (CHAMBERS, 2005) que ambienta suas viagens cotidianas entre as duas escolas em que trabalha e sua

² Matéria publicada no jornal *Zero Hora*, n. 16.445, 22 set, 2010. Política – O caminho até o Piratini, p. 2

casa. Através da explicitação do seu gosto musical – *rock* nacional e música gauchesca –, a narrativa coloca em evidência as negociações identitárias que constituem uma determinada condição juvenil vivida pela professora empreendedora, que circula pela escola munida de câmera fotográfica digital com o objetivo de “fotografar as carências da quadra, imprimir as fotos, montar um projeto e sair em busca de apoio”.

Já em *Sala Interativa: giz e quadro negro são coisas do passado*³, matéria publicada em maio de 2010, através da série de reportagens *O X da educação*, as características destacadas são aquelas atribuídas aos jovens alunos que chegam à escola, inscritos em novas sensibilidades marcadas pela tecnologia e pela mídia, para os quais “a escola tem que ter atrativos”. A matéria pontua, a partir da fala da coordenadora pedagógica da escola municipal localizada em região próxima à capital gaúcha, que “essa geração já nasceu conectada e precisamos apresentar motivações para a aprendizagem”. A reportagem faz ver uma mudança no papel do professor que, através da acoplagem de vários equipamentos ao seu ambiente de trabalho, poderia contar com outras possibilidades para ensinar: atividades com áudio, vídeo e tradução para a Língua Brasileira de Sinais. A mesa da professora conectada a uma tela/lousa digital, segundo Barbieri, “emite sons, ensina a escrever, corrige erros e encanta as crianças”.

Dayrell (2007) e Carrano (2008) entre outros autores problematizam os modos de ser de crianças e jovens que frequentam diferentes escolas. Para os autores, infância e juventude são construções culturais, sociais e históricas, e sujeitas a transformações marcadas por condições imbricadas na cultura contemporânea. De acordo com esta perspectiva, as relações entre juventudes e escola não se explicam em si mesmas. Dayrell (2007) pondera que as relações entre a educação da juventude e a escola têm sido bastante debatidas, mas acabam por cair em uma visão apocalíptica, apontando para o fracasso da instituição escolar com seus diversos atores culpando-se mutuamente. Carrano (2008) salienta que tal situação de mútua culpabilidade está ligada à relativa incomunicabilidade entre tais sujeitos escolares.

Os dois autores comentam que professores e administradores tendem a rotular jovens alunos como desinteressados, apáticos, indisciplinados, “tidos como de *baixa cultura*, com sexualidade exacerbada e alienada, hedonistas e consumistas” (CARRANO, 2008, p. 182). Os alunos, por sua vez, argumentam

³ Matéria publicada no jornal *Zero Hora*, n 16.331, 21 maio. 2010, Geral - O X da Educação, p.37.

que o melhor momento na escola é o recreio, quando efetivamente vivem a escola, ou a participação em projetos extracurriculares envolvendo música, artes e esportes. Para os jovens estudantes as aulas são uma *chatice necessária*, pois não têm sentido prático, os professores são despreparados, e os espaços são pobres, inadequados e marcados pela ausência de meios educacionais como computadores e acesso à internet, em oposição à cultura de mídia e conectividade na qual estão inscritos.

Carrano (2008) e Dayrell (2007) entendem a escola como um espaço de sociabilidades e muitos destes problemas apontados estariam relacionados a uma ignorância relativa sobre os espaços culturais e simbólicos vividos pelos jovens e à necessidade de compreender as práticas e símbolos imbricados na condição juvenil atual, tomada como “manifestação de um novo modo de ser jovem, expressão das mutações ocorridas nos processos de sociabilização, que coloca em questão o sistema educativo, suas ofertas e as posturas pedagógicas que lhes informam” (DAYRELL, 2007, p.1107).

Neste sentido, os autores propõem a partir de diferentes contextos que se faça uma mudança no eixo de reflexão: passar das instituições educativas para os sujeitos jovens e suas culturas, de forma que a escola possa ser repensada para responder aos desafios colocados pelas diferentes juventudes, considerando a relativização do poder de formação de sujeitos pela instituição escolar diante das inúmeras agências e redes culturais e educativas (CARRANO, 2008). Com os autores, destaco que, as mídias, bem como o mercado de consumo, as redes sociais digitais e os diversos grupos de pertencimento se tornaram lugares de intensa produção de subjetividades juvenis.

Desde este enfoque, este artigo se inscreve no campo da Educação a partir do olhar dos Estudos Culturais, buscando compreender como os sujeitos jovens, através de suas práticas de escuta a partir de artefatos sonoros portáteis negociam, produzem suas identidades juvenis urbanas e contemporâneas, construídas no entrelaçamento cotidiano das muitas narrativas que os nomeiam e instituem regimes de verdade sobre eles.

Assinalo que outros estudos nesta perspectiva foram desenvolvidos no âmbito dos Estudos Culturais e Educação. Lembro que, embora haja autores que veem esta ligação da Educação com os Estudos Culturais como controversa, na prática a mesma tem sido produtiva para ampliação da compreensão das práticas sociais e relações de poder implicadas no conhecimento, articuladas no âmbito da escola (COSTA, SILVEIRA E

SOMMER, 2003). Steinberg e Kincheloe (2001) reforçam esta ligação quando afirmam que as práticas culturais e as relações de poder e conhecimento dizem respeito à Educação, não só porque, com as mídias, os espaços pedagógicos são cotidianamente ampliados, como também *atravessam* os lugares tradicionais da pedagogia – especialmente a escola – a partir dos conhecimentos que são trazidos pelos alunos.

MODA, CONSUMO, MÚSICA... A PARTIR DELES TAMBÉM SE APRENDE

Nesta perspectiva, penso o consumo, como prática cultural, como pedagógico, pois é possível constatar na escola e fora dela as formas como os jovens *capitalizam* suas vontades de pertencimento através não só da produção e circulação de artefatos que os identificam com certa emissora ou programa, grupo musical, modalidade esportiva ou lugar de lazer, mas replicando os estilos dos comunicadores das emissoras, cantores e atletas preferidos, tomados como modelos a serem seguidos; transformados em uma espécie de marca em nível de mercado e em marcador identitário relativamente a uma determinada juventude que se distingue visualmente das demais que circulam no ambiente escolar.

Refletir sobre este processo vivido pelos jovens possibilita visualizar a juventude como uma condição, um sintoma cultural contemporâneo, como uma construção histórica que se articula sobre recursos materiais e simbólicos cuja distribuição social é assimétrica. Conforme Margulis e Urresti (2000) e García Canclini (2005), entre outros, “se é jovem de diferentes maneiras em função da diferenciação social, de parâmetros como o dinheiro, o trabalho, a educação, o bairro, o tempo livre. A condição de juventude não se oferece de igual maneira para todos os integrantes da categoria estatística jovem” (MARGULIS E URRESTI, 2000, p. 133).

Considerando tais aspectos, os autores enfatizam ser necessário considerar a significação atribuída em determinado contexto ao que é consumido no sentido de identificar, distinguir, conferir prestígio, localizar em determinada categoria social a quem consome. Ressaltam a efemeridade da moda e a fragilidade das identidades engendradas a partir dela. Os jovens que orientam suas práticas de consumo pela moda buscando pertencimento, reconhecimento, legitimidade e, nesta direção, adaptam suas formas de vestir, linguagem corporal, fala, preferências musicais e aparência ao grupo a que desejam pertencer, estão sujeitos à incerteza que supõe construir a identidade pessoal sobre uma exterioridade em mudança e aceleração permanente: a

moda opera no limite da legitimidade e da exclusão, requer bens e destrezas culturais.

A partir desta lógica cultural, arrisco afirmar que a escuta e a conectividade, junto aos jovens que circulam por Porto Alegre, *estão na moda* e múltiplas são as *táticas* e *destrezas culturais* exigidas para permanecer e pertencer/distinguir-se nos vários grupos juvenis. Silva (2009) estudou a utilização de telefones celulares e o uso da tecnologia de transmissão de dados e voz *bluetooth* para reduzir o custo do uso do celular por garotos de uma comunidade de Florianópolis. Segundo a autora, considerando que a posse de celulares entre garotos das camadas populares é bem superior ao acesso à internet no ambiente doméstico, tal tecnologia tem cumprido um importante papel no compartilhamento de arquivos especialmente musicais. Silva (2009, p. 1) argumenta que assim, sempre que um membro do grupo que tem acesso à rede pode passar arquivos para celulares dos “amigos, que por sua vez repassam esse conteúdo via *bluetooth* para tantos outros, estabelecendo uma identidade comum que é tornada pública nos espaços coletivos”.

Situações semelhantes foram narradas pelos jovens em Porto Alegre e remetem às práticas observadas no trem interurbano, nos ônibus da cidade e em eventos esportivos. Possuir um artefato sonoro portátil, dominar tal tecnologia, ter a destreza para utilizá-la e demonstrar que sabe fazê-lo em público, é uma das formas destes garotos se distinguirem uns dos outros e através de suas práticas e preferências musicais terem determinadas posições reconhecidas pelos grupos que integram. Considerando este aspecto, inferimos que as preferências musicais são centrais às práticas de escuta, à conectividade e sua relação com a produção de identidades juvenis, principalmente urbanas.

De acordo com Janotti Jr (2005), a adesão a determinado estilo musical ou mesmo a forma de consumo de diferentes sonoridades como prática cultural se constituem como marcadores identitários que diferenciam cada jovem dos demais e, ao mesmo tempo, os une como iguais. As manifestações culturais inscritas no mundo musical acabam por produzir grupos de indivíduos que frequentam os mesmos lugares, vestem-se de forma semelhante, conversam sobre os mesmos assuntos. No decorrer da pesquisa referida, era comum encontrar em *lan houses* e outros ambientes, jovens pesquisando músicas a partir de ambientes na internet para baixar e salvar em tocadores mp3 e celulares; trocando ou transferindo arquivos com músicas do ‘próprio acervo’ a partir de seus artefatos sonoros portáteis através da tecnologia *bluetooth* nos recreios, praças ou intervalos de trabalho.

Reconheço aqui que tais práticas culturais juvenis têm implicações nas relações familiares, assim como nas relações entre os diversos atores da indústria do entretenimento e seus potenciais públicos juvenis. Sobre as implicações nas relações familiares, Nicolaci-Da-Costa (2008) comenta que, muitas vezes, telefones celulares são dados aos jovens por seus pais como forma de mantê-los sob algum controle em razão da complexidade dos trânsitos da vida urbana contemporânea. Se o celular inicialmente apazigua pais e mães que pensam ter seus filhos ao alcance do teclado, ele se transforma em um *presente dos céus* nas mãos destes jovens que comunicam-se com os amigos na sala de aula, trocam músicas e fotos por *bluetooth*, ouvem música em seus diversos itinerários. Tais celulares, às vezes, acabam se convertendo em elementos de insegurança, ora porque os jovens os codificam com diferentes sons que identificam seus pais buscando contato e não atendem; ora porque são objetos de desejo de assaltantes.

Relativamente às relações da indústria do entretenimento – especialmente da indústria fonográfica que detém os direitos de distribuição e comercialização sobre as músicas dos artistas contratados – com seus potenciais consumidores juvenis, as práticas que envolvem *baixar música sem pagar* são as mais debatidas e exigem táticas mais sutis em nível das relações de poder. Contemporaneamente boa parte dos jovens prefere fazer *downloads* das canções e álbuns, conjugando esta prática a outros tipos de consumo. Em suas falas, garotos e garotas que participaram da pesquisa apontavam o grupo musical britânico *Radiohead* como exemplar pelas estratégias adotadas quanto aos fãs e ao mercado, permitindo que suas canções fizessem parte das trilhas sonoras de bolso de muitos deles e que “as gravadoras não perdessem dinheiro”.

Conforme VLADI (2010), em 2007, os músicos britânicos inovaram em termos de estratégias para manter seus lucros e satisfazer seus fãs: permitiram que os mesmos pagassem o preço escolhido pelas faixas do álbum em lançamento e a partir de *downloads* das canções, potencializaram as vendas do álbum físico, atingindo em uma semana a lista dos mais vendidos na Inglaterra. Com esta estratégia, o grupo propôs um novo estilo de comercialização desafiando as lógicas dos internautas relativas ao consumo de música pela internet. Também as gravadoras se viram em xeque diante da experiência, pois os recursos originados com as vendas pela *rede* foram diretamente para a banda. Esta estratégia aproximou o grupo do “público que consome música na web e não o tratava como criminoso” (VLADI, 2010, p.11).

RETOMANDO FIOS PARA COMPREENDER COMO TECI O CENÁRIO

A partir do cenário desenhado até aqui, reafirmo minhas inquietações com outras e diferentes práticas culturais envolvendo a escuta e a conectividade como imperativo – algo necessário e desejável para todos – que vêm interpelando e constituindo os jovens contemporâneos, representados nas mídias e em muitos outros lugares da cultura, como *sempre conectados*.

Neste sentido, a expressão *tá ligado(a)?!*, intensamente usada por estes jovens, é destacada como um elemento que evidencia um determinado estilo de vida no qual as práticas culturais e identidades juvenis de nosso tempo se inscrevem. Utilizada como uma espécie de reiteração da condição de conectividade que marca as práticas cotidianas dos jovens que circulam pelo espaço urbano, a expressão também salienta a necessidade destes verificarem constantemente se o outro, mesmo com seus fones de ouvido, trilha sonora própria, e *conversando* via internet está conectado. Juliano Negão⁴, de 16 anos, questionado por mim, buscou traduzir o que o uso desta expressão significa para o seu grupo etário.

Juliano Negão: Tá ligada?!; Tá ligado?! é assim tipo: tu entende? Tá me escutando? Por exemplo: Ah, ontem de noite eu fui para o computador, tá ligado?! Tu entendeu? Eu tava no computador. Tá ligado é o melhor negócio que tem, porque quer dizer um monte de coisa, assim tá por dentro entendeu? Curtiu? Tá prestando atenção? Conectou? Quer dizer várias coisas... Eu podia tá dormindo agora, tá ligado?! Às vezes é pergunta, mas também é afirmação. Mas não, estou aqui, tá ligado?! (Excerto do Diário de Campo, 16 jun. 2011) [destaques são meus]

Ainda sobre o uso da expressão *tá ligado(a)?!*, constatei que a mesma foi adquirindo densidade, espessura, como um marcador identitário desta juventude urbana sendo, ao mesmo tempo, repetida por muitos dos jovens, percebida como um elemento de forte identificação, característico do uso juvenil da linguagem; e intensamente utilizada nas narrativas da mídia para caracterizar tal juventude.

⁴ Os jovens que se constituíram sujeitos da pesquisa citada, estão referidos pelos nomes escolhidos por eles, resguardando eticamente o sigilo de suas identidades. Sempre que possível as idades estão também referidas como forma de melhor identificar seus pertencimentos a diferentes grupos etários.

Esta mesma conectividade é mostrada, muitas vezes, em produções midiáticas às quais os jovens têm acesso e referem nas redes sociais e em suas conversas no âmbito da escola. Filmes produzidos para cinema, telenovelas e peças de comunicação publicitária – que são assistidos em diferentes telas, individual ou coletivamente, em espaços privados ou públicos – colocam em circulação imagens que mostram/sugerem tais práticas.

Neste sentido, destaco a produção *Os seis signos da luz* (2007). Caracterizada como uma fantasia e aventura épica familiar, na sequência inicial, é através de tais práticas de escuta e conectividade que o personagem principal é apresentado como um *garoto típico* de 14 anos que vive numa pequena cidade na região metropolitana de Londres: no dia que antecede os feriados natalinos, sai de sua sala de aula e se desloca até seu armário para buscar o tocador mp3 e fones. Retira-os do armário, coloca os fones, veste a mochila e segue pelo corredor que é invadido por jovens que empunham telefones celulares com câmeras fotográficas e tocadores mp3. Will acompanha o fluxo de jovens, encontra-se com a irmã, retira um dos fones, conversam e seguem para o ônibus escolar onde encontram com os outros dois irmãos, sempre com os fones. Já sentados no ônibus, seus irmãos registram as cenas com uma filmadora digital e ele e a irmã compartilham fones e tocador mp3 até chegarem ao seu ponto de descida. No restante do filme, a presença destes artefatos como marcadores identitários juvenis inexistem. Práticas de escuta e conectividade são sugeridas como *deste mundo*: contemporâneo, midiático, tecnológico, conectado, compartilhado.

Entretanto, o compartilhamento não se dá somente através de fones de ouvido: alguns jovens têm compartilhado suas escutas com seus pares, em ambientes públicos, sem o uso de fones em razão da inserção nos telefones celulares multifuncionais de micro amplificadores. Estas práticas têm se intensificado no país e são observadas em linhas de transporte coletivo que servem a bairros populares da capital gaúcha. Diante das mesmas, a companhia pública de transportes de Porto Alegre lançou a campanha *Não seja o DJ do seu ônibus*, referida pelos jovens com quem conversei, ainda em 2009. Esta ação, entretanto, estava mais ligada ao fato das pessoas escutarem rádio ou música em volume excessivo, fazendo o som *vazar* para fora dos fones e invadir o espaço acústico coletivo. Tais práticas de escuta se encontram ligadas a determinadas culturas juvenis urbanas e recolocam em discussão questões relativas a *atos perturbadores* dos limites estabelecidos socialmente entre o público e o privado, a partir de mídias móveis, naquilo que diz respeito ao espaço público (CHAMBERS, 2005).

Hall (1997) pondera que todas as práticas sociais expressam ou comunicam significados construídos desde múltiplas relações com a *realidade*. Elas são práticas de significação, são culturais. Assim, tais práticas juvenis estão dentre aquelas que significam formas de integrar-se à cultura urbana contemporânea, intensamente mediatizada, a partir de determinados tipos de escuta e conectividade cujo marcador visível são os diferentes artefatos sonoros portáteis e os fones de ouvido de variadas formas, tamanhos e cores, bem como a circulação pelos espaços urbanos.

No cotidiano das cidades estes artefatos são tomados como marcas identitárias de certa juventude, constituem manifestações simbólicas de seu pertencimento às culturas urbanas contemporâneas. Seus usos pelos jovens revelam escolhas por uma ou outra marca ou produto disponível no mercado; os artefatos trazem nas suas superfícies detalhes que diferenciam seus usuários uns dos outros e anunciam/denunciam formas diferentes de escutar e se conectar. Eles também aparecem como *táticas* de uma espécie de *resistência* a determinadas injunções que se expressam no cotidiano através das relações de poder implicadas nos momentos vividos e nos lugares praticados. O uso dos fones para evitar o diálogo com os outros ou para marcar um determinado gosto musical ou espaço; ou a transformação do tempo de lazer e entretenimento em tempo de trabalho e estudo, sem o enfrentamento à possível crítica dos pares, podem ser tomados como aspectos destas táticas.

Desde esta perspectiva, penso em tais práticas de escuta como práticas culturais, pois mais do que referir a ação física de ouvir música, notícias, partidas de futebol, programas de humor, conteúdos de disciplinas, etc. a partir de artefatos sonoros portáteis, caracteriza a escuta como prática social, de significação, portanto, cultural. Da mesma forma talvez se possa pensar a conectividade e as várias práticas ligadas ao *estar sempre conectado*. Elas também constituem ações sociais que são aprendidas no cotidiano, que possuem determinados significados para aqueles que praticam e para aqueles que observam.

SEMPRE (DES)CONECTADOS: JOVENS NÔMADES E NOVAS SENSIBILIDADES

As práticas de escuta, assim, são tomadas como marcadores identitários que possibilitam a definição ou não do pertencimento dos jovens a determinados grupos e estão profundamente atravessadas pela conectividade e *seu par* a desconexão, em diferentes intensidades. Estar *ligado* através dos fones de ouvido a uma determinada trilha sonora implica estar *desligado* de

outras possibilidades de cenas sonoras: o barulho do mar ao correr na praia, as buzinas dos automóveis como advertência ao cruzar vias, a comunicação interpessoal com o outro.

Martín-Barbero (2001) argumenta que esta lógica de fruição está relacionada às novas sensibilidades, ou seja, a uma experiência cultural constituída por modos de perceber e de sentir, de escutar e de ver que caracterizam os jovens contemporâneos e se expressam na forma como habitam suas cidades de maneira nômade e se relacionam com a tecnologia. A partir de um processo de desenraizamento que se transforma em *deslocalização*, deslocam periodicamente seus lugares de encontro, atravessam a cidade em uma *explosão* que tem relações com a travessia televisiva que permite o *zapping* – programação feita de forma nômade a partir de restos e fragmentos variados. Contudo, estes jovens inscrevem-se no mundo a partir de uma profunda empatia com as tecnologias, pois constituem uma geração de sujeitos culturais que não possuem ou possuem uma fraca identificação com figuras, estilos e práticas tradicionais que tem definido *a cultura* [grifo do autor].

Ainda segundo o autor, é a partir de conexões/desconexões (jogos de interface) com artefatos, de uma enorme facilidade para o domínio dos idiomas das tecnologias que implicam uma enorme capacidade de busca e absorção de informações de variados meios, complexas redes informáticas e tecnologias audiovisuais que os jovens conformam seus *mundos imaginados*. Tais mundos presentes em relatos, imagens e sonoridades, encontram seu ritmo e seu idioma numa cumplicidade entre uma oralidade como experiência cultural primária que perdura e uma oralidade secundária que tece e organiza as gramáticas tecnoperceptivas da visualidade eletrônica, denominada *cumplicidade expressiva*.

Diferentes visualidades estão implicadas nos modos contemporâneos de ser jovem, assinala Martín-Barbero (2004). Elas não estão isoladas, mas integradas às novas formas de sensibilidade engendradas pelas múltiplas telas a que estes jovens estão submetidos, pelos fluxos de informação, pelos trânsitos cotidianos e pela mediação tecnológica. Eles em suas falas conjugam tecnologia com múltiplos elementos. Sentem necessidade de ver e serem vistos, porém o desejo se une a uma determinada estética, estilo e um modo de viver que vai além da moda, do consumo.

Pequenos rádios, *iPods*, *Walkmans*, telefones celulares, *headphones*, tocadores mp3, *smartphones* podem ser vistos constantemente fazendo parte

da indumentária dos jovens que circulam nas grandes cidades. Assim, tais artefatos frequentam os mais variados lugares: transporte público urbano, automóveis, parques e praças, shopping centers, escolas, bibliotecas, quadras esportivas, salas de espera, *lan houses* entre outros.

Martín-Barbero (2004) destaca que, no contexto da sociedade midiaticizada contemporânea, há uma convivência da cultura massiva com estas *novas tecnicidades* caracterizadas pela mobilidade, portabilidade, conectividade e simultaneidade. Neste sentido, principalmente junto às populações de menor poder aquisitivo, constata-se que as *lan houses* são socialmente importantes, relativamente ao acesso à internet e aos produtos desenvolvidos através dela. Sua presença e penetração são cada vez maiores nos pequenos e médios municípios e regiões periféricas metropolitanas brasileiras, permitindo que jovens munidos de seus artefatos sonoros portáteis recebam, produzam e reciclem formas e conteúdos midiáticos a um custo relativamente baixo.

No ambiente doméstico, os quartos dos jovens parecem ser o endereço mais constante destes artefatos, sendo transformados em lugares de conexão com o espaço público e limite distintivo geracional no âmbito da família. Neste sentido, a produção cinematográfica dos últimos anos tem oferecido aos jovens uma profusão de imagens e narrativas. Filmes de várias procedências tais como *15 anos e meio* (2008); *Crepúsculo* (2008), *O estudante* (2011), *Medianeras* (2011); e *As melhores coisas do mundo* (2010) localizam cenograficamente e caracterizam os personagens juvenis a partir de seus quartos conectados tecnologicamente e de práticas culturais que borram as fronteiras entre o público e o privado.

Feixa (2005) lembra que os jovens historicamente se caracterizaram por não dispor de um espaço privado nas casas familiares. A vida cotidiana dos jovens (predominantemente masculinos) tinha lugar, sobretudo, em espaços públicos. Segundo o autor, é somente com os movimentos de liberalização juvenil nos anos 1960 que a reivindicação de um quarto próprio passa a ser símbolo de uma determinada juventude. O autor sublinha que a relação dos jovens com seus quartos nos últimos anos voltou ao primeiro plano nas culturas juvenis. Como consequência das culturas digitais tem sido possibilitada a comunicação interpessoal a partir do espaço privado: através do celular, comunicação via mensagens e e-mail. O acesso às redes sociais através de celulares, *tablets* e computadores pessoais também tem lugar neste espaço, oportunizando o trânsito em diversos espaços públicos. O computador passa a

concentrar múltiplas telas e os artefatos sonoros portáteis ganham amplificação e oportunizam trilhas sonoras customizadas.

MEIO IGUAL, MEIO DIFERENTE: JOVENS CATADORES DE IMAGENS E HISTÓRIAS CONECTADOS PELA ESCUTA

Na mesma direção evidenciada a partir de Margulis e Urresti (2000) e García Canclini (2005) relativamente às práticas culturais de consumo, Nilan e Feixa (2006) argumentam que não existe uma juventude única, mas *juventudes*, quando indagam sobre a existência de uma juventude global e constatam que, ainda que os jovens possam estar expostos à interpelação de uma produção midiática quase comum, a forma como produzem suas identidades está atravessada por traços de classe social, gênero, raça/etnia, marcas do lugar onde vivem, dos grupos etários a que pertencem e da diversidade cultural a que estão expostos. Reiteram que em tempos de globalização, o estudo das culturas juvenis seria mais bem desenvolvido de forma transnacional, pois as possibilidades de conexão e informação têm se multiplicado e um mesmo fenômeno adquire nuances locais, ainda que tenda a se manifestar em vários países.

Neste contexto as múltiplas imagens em circulação, através dos mais variados artefatos e textos culturais participam da *fabricação* de *mundos possíveis* a partir da constituição de imaginários globais e locais articulados em panoramas subjetivos presentes na imaginação de sujeitos de diferentes partes do planeta, expandindo as possibilidades de produção de comunidades de sentido e disseminando práticas e marcas identitárias que constituem as culturas em que se inscrevem os jovens urbanos contemporâneos (APPADURAI, 2005).

Vale aqui lembrar García Canclini (2005), quando nos provoca a refletir sobre as formas como a globalização pensada de forma circular tem integrado as práticas cotidianas das juventudes. O autor observa que, mesmo com a inovação das tecnologias de comunicação, das formas de medir o consumo cultural e do desenho de estratégias e programas midiáticos na busca da ampliação do conhecimento massivo e do consenso social, há nas práticas cotidianas dos jovens contemporâneos algo que escapa aos conceitos e ideias amplamente difundidos. Através destas práticas, os jovens parecem negociar com elementos que, ao mesmo tempo em que fortalecem uma uniformização do mundo num mercado planetário, multiplicam diferenças, geram singularidades e tensões. Através do excerto da conversa com Duda, jovem

estudante universitária de 23 anos, é possível (re)conhecer estas múltiplas facetas implicadas na produção das identidades juvenis contemporâneas.

Estar conectada, ligada, sempre plugada é uma necessidade. A música é parte da minha vida, não importa o equipamento [...]. Escuto tudo: *ipods, mps, radio webs*, até mesmo telefones celulares mais contemporâneos [...]. No auge dos meus 14 anos, eu era uma menina comum em plena crise de identidade: *e agora quem sou eu?* Sempre queria me destacar, mas sem ser muito diferente dos outros. Sempre quis ser aceita, principalmente pelos meus amigos e pela sociedade. Em 1999, virei skatista. Só escutava o que estava na moda das músicas *sk8 ou ska*, um estilo musical cujas canções defendiam o direito dos skatistas serem *diferentes*, [...] Nas férias de verão daquele mesmo ano, mudei, me transformei numa surfista. Pegava a prancha dos meus amigos, [...] e ficava escutando um *reggae* ou um *sk8* quando não tinha outras opções. Era sempre assim, o rádio propunha a moda da hora, o que era legal, quais músicas escutar, a que tribo pertencer e quem eu ‘deveria ser’ [...]. O tempo passou um pouco mais e virei gótica [...]. Cheguei até mesmo pintar meus cabelos de preto, e olha que sou loira de olho azul, bem gringa. Mas eu tinha que ficar parecida com a cantora da moda que também era loira e pintava os cabelos de preto. Eu não podia ser diferente, né? [...] (Excerto do Diário de Campo, 22 fev. 2009)

Neste contexto cultural de amplificação de sonoridades, conectividade e produção de outras e diferentes práticas de escuta, a música tem sido apontada como marcador identitário frequentemente utilizado pelos jovens para codificar, organizar e regular suas condutas uns em relação aos outros, como se constata na narrativa de Duda. Ainda que a escuta a partir de artefatos sonoros portáteis, não se restrinja à música, esta é um elemento central, uma vez que o consumo musical está implicado nas diferentes formas com que os jovens produzem suas identidades e culturas específicas na atualidade.

Velho (2006) assinala que há muitas maneiras de *ser jovem*, pois estas classificações não são algo dado, são construções datadas e localizadas, são discutíveis e sujeitas a redefinições, reinterpretações em diferentes contextos históricos. É neste sentido que podemos pensar com Hall (1999) quando argumenta que os processos de fragmentação das identidades produzem identidades móveis, formadas e transformadas continuamente em relação às formas com que somos representados ou interpelados pelas culturas em que estamos inscritos. Nesta perspectiva, as identidades são múltiplas, instáveis, construídas culturalmente. A diferença marca a identidade e faz ver o seu caráter relacional.

A conversa com Duda visibiliza os atravessamentos referidos por Nilan e Feixa (2006). Seu pertencimento étnico racial pode ser identificado a partir das referências à sua cor de pele, cabelos e olhos. Também a interferência das imagens-modelo oferecidas pela cultura da mídia pode ser destacada. A garota afirma que o rádio e seus grupos de pertencimento eram elementos importantes na produção de sua identidade, assim como das diferenças que a singularizavam relativamente a outros grupos e dentro de seu próprio grupo. Desta forma, a partir de Giddens (2002) penso que, relativamente às identidades juvenis, eleger um estilo de vida ou um estilo de música aparece como parte de uma espécie de projeto de constituição identitária sempre em construção a partir da escolha de *modelos* que a cultura, principalmente no âmbito do consumo, oferece em um processo de reflexividade contínuo de construir-se a si mesmo a partir de escolhas que se multiplicam.

Considerando a argumentação de Appadurai (2005) sobre as imagens oferecidas pela cultura contemporânea, podemos afirmar com Hernandez (2007) que habitamos um mundo visualmente complexo e estamos vivendo um novo regime de *visualidade*, profundamente articulado com a técnica, com as mídias, no qual a tecnicidade é uma das possibilidades mais intensas de mediação cultural. A cultura visual - constituída pelos artefatos culturais produzidos em grande escala industrial e comercial e de fácil aceitação pelos consumidores, contribui para que os indivíduos fixem representações sobre eles mesmos, sobre os outros, sobre o mundo e sobre seus modos de pensá-los.

Assim, é possível pensar nos jovens contemporâneos como *catadores de imagens e histórias* a partir de Hernandez (2007) quando propõe que metaforicamente nos consideremos *catadores de restos*, tomando a ideia de *catar* da tradição agrícola ligada à atividade daqueles que recolhem os restos, os reciclam e deles se nutrem. Segundo o autor, esta metáfora possibilita que rompamos com o discurso dualista que dá origem a pares deterministas, entre os quais emissor/receptor, autor/leitor, produtor/consumidor, ensinar/aprender que deixam poucas possibilidades à capacidade de ação, de resistência e de reinvenção dos sujeitos, reduzindo os problemas a esquemas simplificados, minimizando sua complexidade.

Tomando a cultura visual como uma forma de discurso que coloca, no debate político e da educação, a centralidade da *subjetividade*, pensando a prática de *catar* como a possibilidade criativa de ruptura, de reinvenção e transformação, Hernandez (2007) se aproxima dos estudos de Willis (1990) sobre *trabalho criativo* desenvolvido pelos jovens como forma de (re)criação

de suas culturas no cotidiano. Este autor afirma que o universo da cultura da mídia eletrônica – e eu incluiria digital – se constitui em uma importante fonte simbólica, poderosamente estimulante quando abordamos o trabalho criativo que a juventude produz a partir de seus fragmentos. O jovem aprende de forma privilegiada a reinterpretar códigos, reformatar produtos e mensagens, a partir da produção de um repertório atravessado por múltiplas referências.

A fala de Nathy, 21 anos, estudante de Design de Moda, pode nos ajudar a pensar este aspecto.

Nathy: Eu também gostava muito de ver desenhos na TV ULBRA por que eles passavam o que tinha de mais antigo, mais ingênuo na televisão. Aí eu ia para casa, ver o *Dragon Ball Z* que eu gostava muito e até me influenciou muito [...], porque quando eu comecei, eu olhava o desenho, eu desenhava essas coisas de *Mangá* e isso acabou influenciando as minhas escolhas profissionais: hoje eu faço desenho de moda né. Por eu gostar de desenho e desenhava, por gostar dessas coisas, eu acabei entrando nessa área, né. É uma estética do desenho japonês, não era o modelo da Xuxa ou outros mais contemporâneos. Eu acho que *Dragon Ball Z*, *Os Simpsons* e *Bones* acabaram sendo uma coisa interessante. Eu gosto basicamente de coisas antigas. [...] Eu prefiro fazer outras coisas a ver essas porcarias convencionais, previsíveis (Excerto de Diário de Campo, 04 ago. 2010).

Segundo Hernandez (2007, p.18), este conjunto de possibilidades transformadoras liga-se ao fato de que os catadores atuais, além de “recolherem amostras e fragmentos da cultura visual de todos os lugares e contextos para colecioná-los e lê-los”, produzem “narrativas paralelas, complementares e alternativas, para transformar os fragmentos em novos relatos mediante estratégias de apropriação”. Inscritos no sistema capitalista, os catadores, ao se apropriarem de e reaproveitarem os restos “como excedente cotidiano necessário para que o consumo se mantenha em tensão constante” (p. 19), realizam um *ato de subversão* rompendo com o papel a eles atribuído no interior da cadeia de consumo, inventando novas subjetividades.

Nathy não pode ser enquadrada em esquemas fixos de compreensão de como se constrói o jovem. Sua fala visibiliza um mosaico de elementos que articulados justificam as suas escolhas profissionais e padrões estéticos. Ela constrói sua identidade a partir de elementos de várias origens, o que no âmbito das culturas juvenis é pensado como estilos de vida. Para Feixa (2006, p.84), as culturas juvenis se referem em sentido amplo à “maneira como as

experiências sociais [e culturais] dos jovens são expressas coletivamente mediante estilos distintivos, localizados fundamentalmente no tempo livre, ou em espaços intersticiais da vida institucional”.

Fixo as narrativas de Duda e Nathy como possibilidade de compreensão das dinâmicas constatadas junto aos jovens com quem conversei, pois as suas narrativas e práticas fornecem indícios deste *catar*, como nos deixam perceber através das formas como se produzem integrantes desta ou daquela cultura juvenil urbana, articulando elementos de diferentes temporalidades e produzindo o que Martín-Barbero (2001) caracteriza como *destempos*, ou a convivência dos vários tempos simultaneamente, na forma do palimpsesto, como característica de um novo regime de sensibilidades que articula as diferentes possibilidades oferecidas pela tecnologia.

DE VOLTA À PERGUNTA INICIAL: CULTURAS JUVENIS, PRÁTICAS DE ESCUTA E CONECTIVIDADE, UMA PAUTA PARA A EDUCAÇÃO?

Diante deste panorama que busquei construir, penso necessário voltar à questão que tomo com título deste artigo e, para tanto, retomo Dayrell em duas rápidas referências nos textos *A escola como espaço sócio-cultural* (2001) e *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude* (2005) que me levaram a pensar mais detidamente sobre culturas juvenis, práticas de escuta e conectividade como pautas para a Educação. O autor, no texto mais antigo, assinalava a presença em sala de aula de um artefato sonoro portátil e apontava as práticas de escuta como uma das estratégias produzidas pelos alunos para enfrentar a *chatices necessária* das aulas, indicando a necessidade de se estudá-las como forma de conhecer estes diferentes jovens que estão presentes nas escolas como espaços socioeducativos e suas relações cotidianas.

Em texto publicado quatro anos depois, Dayrell (2005), já diante da presença de outros artefatos sonoros portáteis tais como o tocador mp3 e o telefone celular, voltava a sinalizar a premência de investigar estas práticas no âmbito da educação e justificava tal necessidade pela ausência de estudos no campo das culturas juvenis que se detivessem sobre as mesmas. Tais artefatos se popularizavam e já não se restringiam ao consumo musical por parte apenas das camadas médias e altas da sociedade brasileira.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios relativa ao acesso à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal, realizada pelo IBGE (2011), indicava que os grupos etários entre 10 e 17 anos já totalizavam

58,3% dos acessos à internet no país, com um predomínio da região sul sobre as demais macrorregiões brasileiras. Naquele momento, anterior à popularização das redes sociais, a motivação para acesso à *web* relacionava-se principalmente com educação e aprendizado, comunicação entre pessoas e atividades de lazer, respectivamente. Quanto ao acesso a telefones móveis celulares, o Rio Grande do Sul era o estado brasileiro com maior concentração de aparelhos por habitantes e as faixas de idade entre 10 e 24 anos detinham 33,2% dos aparelhos.

Ainda que reconhecendo que a condição de juventude não se oferece igualmente para todos, pois se é jovem de diferentes maneiras conforme aspectos que se constituem como elementos de diferenciação sublinhados anteriormente, percebo que aqueles jovens que comigo conversavam em campo estavam imersos na cultura contemporânea com intensa presença de tecnologias e das mídias, capturados pelo sentimento de necessidade e urgência de quem *não pode* perder nada, de quem *precisa* ficar *plugado*, *linkado*, durante 24 horas sob pena de *ser excluído*, *ficar de fora*.

A concepção de aprendizado dos jovens com quem conversei remete à metáfora proposta por Hernandez (2007) de que no contexto da cultura contemporânea nos constituímos catadores de imagens e histórias e nos produzimos identitariamente a partir destes restos, resíduos, fragmentos que através de um trabalho simbólico criativo são convertidos em algo novo. Garotos e garotas imersos nesta experiência cultural somam, multiplicam, dividem fragmentos e se produzem sujeitos jovens, urbanos, contemporâneos, que têm na conectividade um elemento de estilo e modo de viver. Estar ligado, conectado é a forma que encontram de estar no mundo. Um mundo em que a educação não está restrita ao espaço escolar, se dá em múltiplos espaços que nós professores, talvez, precisássemos (re)conhecer.

REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun *Modernity at Large: cultural dimensions of globalization*. 7ed. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2005.

CARRANO, Paulo. Identidades culturais juvenis e escolas: arenas de conflito e possibilidades. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (orgs). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 182-211.

Chambers, Iain. *Migrancy, culture, identity*. Oxon: New York: Routledge, 2005.

COSTA, Marisa Vorraber, SILVEIRA, Rosa Hessel e SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais, Educação e Pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, p. 36-61, maio/jun/jul/ago, 2003.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol.28, n100 – Especial, p. 1105-1128, out.2007.

DAYRELL, Juarez. *A Música Entra em Cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: _____(org.). *Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura*. 2 reimpr. Belo Horizonte: UFMG, 2001. p. 136-161.

FEIXA PAMPOLS, Carles. *De jóvenes, bandas y tribos*. 2 ed. rev. e ampl. Barcelona: Ariel, 2006.

FEIXA PAMPOLS, Carles. La Habitación de Los Adolescentes. In: *Papeles CEIC*, 2005. Disponível: <<http://www.ehu.es/CEIC/papeles/16.pdf>>. Acesso em 04 out. 2008

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Diferentes, Desiguais e Desconectados* – mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOTTSCHALK, Simon. Postmodern Sensibilities and Ethnographic Possibilities. In: BANCKS, Anna; BANCKS, Stephen P. (eds.). *Fiction and Social Research: by ice or fire*. Walnut Creek: London: New Delhi: Altamira Press, 1998. p. 206-227.

HALL, Stuart. *Identidades Culturais na Pós-Modernidade*. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HALL, Stuart. A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v.22, n.2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HERNANDEZ, Fernando. *Catadores da Cultura Visual: uma proposta para uma nova narrativa educacional*. Porto Alegre: Mediação, 2007.

JANOTTI JR, Jeder Silveira. Mídia, Cultura Juvenil e Rock and Roll: comunidades, tribos e grupamentos urbanos. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre. (orgs.) *Comunicação e Cultura das Minorias*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 115-129.

MARGULIS, Mário; URRESTI, Marcelo. Moda y Juventud. In: MARGULIS, Mário (ed.). *La juventud es más que una palabra*. 2 ed. Buenos Aires: Biblos, 2000. p. 133-145.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Al sur de La modernidad: comunicación, globalización y multiculturalidad*. Pittsburgh: Universidad de Pittsburgh, 2001.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Celulares: um "presente do céu" para mães de jovens. *Psicologia Social*, set./dez. 2007, vol.19, n.3, p.108-116. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19n3/a15v19n3.pdf>> Acessado em 13 maio 2009.

NILAN, Pam; FEIXA, Carles. Introduction: youth hybridity and plural worlds. In: _____(eds). *Global Youth? Hybrid identities, plural worlds*. London; New York: Routledge, 2006. p. 1-13.

QUADROS, Marta Campos de. *Tá Ligado?!*: Práticas de escuta de jovens urbanos contemporâneos e panoramas sonoros na metrópole, uma pauta para a Educação. 2011. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil.

SILVA, Sandra Rúbia da. *Performances de Masculinidade, Práticas de Subversão: relações entre telefones celulares, poder e jovens em camadas populares do sul do Brasil*. VIII REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL . Buenos Aires, Argentina, 2009.

STEINBERG, Shirley R.; KINCHELOE, Joe. Sem Segredos: cultura infantil, saturação de informação e infância pós-moderna. In: STEINBERG, Shirley R.; KINCHELOE, Joe.(org.). *Cultural infantil: A construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 9-52.

VELHO, Gilberto. Epílogo – Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGÊNIO, Fernanda (orgs.). *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 192-2006.

VLADI, Nadja. *O Negócio da Música* – como os gêneros musicais articulam estratégias de comunicação para o consumo cultural. Trabalho apresentado no XXXIII Congresso Brasileiro de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Caxias do Sul, 2010.

WILLIS, Paul. *Common Culture: symbolic work at play in the everyday cultures of the young*. Buckingham, UK: Open University Press, 1990.

Sites

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Acesso à internet e posse de telefone móvel celular 2005. Disponível em < <http://www.ibge.gov.br> > Acesso em 2 ago. 2011.

Periódicos

BARBIERI, Leticia. Sala Interativa: giz e quadro são coisas do passado. *Zero Hora*, Porto Alegre, 21 maio. 2010. Geral. p. 37.

LOPES, Rodrigo; BOTEGA, Jefferson. A superação da professora Angélica. *Zero Hora*, Porto Alegre, 22 set. 2010. Política. p. 12.

Filmes

As melhores coisas do mundo. Diretora: Laís Bodansky. Brasil, 2010.

Crepúsculo. Diretora: Catherine Hardwicke. EUA, 2008.

Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual. Diretor: Gustavo Taretto. Argentina, 2011.

O estudante. Diretor: Roberto Girault Facha. México, 2011.

Os seis signos da luz. Diretor: David L. Cunningham. EUA, 2007

Quinze anos e meio Diretor: François Desagnat e Thomas Sorriaux. França, 2008.